



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Adeus, Geronimo (ou notícias de uma história global do tempo presente)

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2.34576>

Daniel Afonso da Silva

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor-pesquisador no Ceri-Sciences Po de Paris.
daniel.afonso66@hotmail.com. Este artigo recebeu apoio da CAPES

Palavras-chave:

Sistema internacional; política externa; 11 de setembro de 2001; Osama Bin Laden; Barack Obama

Keywords:

International system; foreign affairs; 9/11; Osama Bin Laden; Barack Obama.

Palabras Clave:

Sistema internacional; política exterior; 11 de septiembre de 2001; Osama Bin Laden; Barack Obama

Resumo

“Geronimo” foi o codinome atribuído a Osama Bin Laden pelas forças especiais americanas. Muito antes dos ataques de 11 de setembro de 2001, “Geronimo” já vinha sendo procurado mundo afora. O após 11 de setembro, a procura foi apenas intensificada. Com a chegada de Barack Obama, foram implantadas diversas estratégias – como ampliação das forças especiais e utilização ostensiva de *drones* – para efetivamente neutralizar “Geronimo” e seus seguidores. Em 2 de maio de 2011 “Geronimo” foi, enfim, eliminado. Logo em seguida, o presidente Obama começou a anunciar que *a decade of war is ending*. O núcleo das preocupações americanas não existia mais. Com isso, os Estados Unidos poderiam retornar majoritariamente os seus esforços a suas questões tradicionais e a seus problemas fundamentais, como a crise financeira. Em seu mais importante discurso nesse início de segundo mandato, proferido em maio de 2013, na *National Defense University*, o presidente Obama apresentou a estratégia americana para superar esses problemas e reabilitar seu lugar de protagonista incontornável do sistema internacional. O presente artigo analisa os significados dessa estratégia e algumas de suas possíveis consequências..

Abstract

Good Bye, Geronimo (or news of a global history of the present time)

“Geronimo” was the Osama Bin Laden’s nickname used for American Special Forces. Far before the 9/11 attacks, “Geronimo” was been wanted around the world. After the 9/11, he had been much more wanted. Under Barack Obama presidency, plenty of strategies – Special Forces and drones, for example – has been put on against “Geronimo” and his partners. In March 2nd, 2011 “Geronimo” was eliminated. After that, the president Obama has beginning to say that “a decade of war is ending”. The American central troubles are over. Right now, United States could move back to its traditional questions and essential problems, like the 2008 financial crisis. The much more important Obama’ speech in his earlier second term was in May 2013 at National Defense University when Obama shows the American strategy to overcome the crucial problems and looking for the very comfortable place of United States as global player in the international system. This article aimed to analyze the meanings of this strategy and its possible consequences.

Resumen

Adiós, Geronimo (o noticias de una historia mundial del tiempo presente)

“Geronimo” fue el nombre en código de Osaba Bin Laden utilizado por las fuerzas especiales americanas en su operación. Antes de los ataques del 11 de septiembre de 2001, “Geronimo” ya estaba siendo procurado en todo el mundo; pero, después, la busca fue aun más intensa. Desde la llegada de Barack Obama al poder, muchas estrategias fueron utilizadas – tales como más fuerzas especiales y más *drones* – para contrarrestar “Geronimo” y sus seguidores. El 2 de Mayo de 2011, “Geronimo” fue eliminado. Más adelante el presidente Obama empezó a hablar del fin de un decenio de guerras – *a decade of war is ending*. El fundamento de la preocupación de los americanos – Bin Laden – ya no existía y los Estados Unidos podrían buscar una vez más sus objetivos familiares como solucionar la crisis financiera. En su más importante discurso en este principio de segundo mandato, proferido en mayo de 2013, en la *National Defense University*, el presidente Obama presentó la estrategia de los Estados Unidos para salir de los problemas y reabilitar su lugar de protagonista indispensable del sistema internacional. Este artículo analiza los significados de esa estrategia y algunas de sus posibles consecuencias.

Memento mori.

Adágio latino

“*A price must be paid for freedom*” [a liberdade tem um preço]. Essa constatação – direta e evasiva; discreta e concreta – traduz, em forma e conteúdo, a mensagem do mais importante discurso do presidente Barack Obama nos primeiros instantes de seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos da América (REMARKS..., 2013). Proferido na *National Defense University* em fins de maio de 2013, o discurso desenha e induz diagnóstico e prospecção a cerca dos novos contornos da estratégia antiterrorismo norte-americana. “*A decade of war is ending*” [um decênio de guerras está terminando] – expressão que vem sendo utilizada ostensivamente por Obama desde a sua reeleição em novembro de 2012 – surge como desejo concreto e massivo dos americanos, há muito cansados de guerra (BARACK OBAMA..., 2012). Em sendo realmente assim, nada mais consequente que, da parte dos líderes da nação, redefinir o destino. Sem o *World Trade Center*, desde o 9/11 [11 de setembro de 2001]. Mas também sem Osama Bin Laden, mentor de tamanha ignomínia. “*Neither, I, nor any President, can promise the total defeat of terror*” [nem eu nem qualquer presidente pode prometer a derrota absoluta do terror], afirma nesse discurso de maio de 2013, sem contrição nem alegria, o presidente Obama (REMARKS..., 2013). Inexiste preservação de tranquilidade – recorda a assertiva de James Madison – em projeto de guerra sem fim. O 9/11 mudou a qualidade da guerra. Alguns supõem ter modificado também sua natureza, seu sentido, seu destino. O trauma do “*l’événement sans nom*” que foi o 9/11 ainda deixa avariados os amantes do *American dream*. O mosaico de crises que a reação ao ocorrido forjou causar passa longe de terminar (SILVA, 2014, 2015a e b). *Bush’s wars* e *Obama’s wars* corroeram, em contas americanas oficiais, três trilhões de dólares. Sem contar os dinheiros dos

aliados, dos inimigos e dos indiferentes. Nada paga o preço do medo e da apreensão. Mais de sete mil americanos deixaram a vida em operações no Iraque e no Afeganistão. O sacrifício pode ser nobre, mas deixa sua marca indelevelmente profunda na alma da nação. Fica fora todo arremedo de hesitação. “*Il faut changer pour rester*” [tem que mudar para preservar o mesmo] há muito já dizia o general De Gaulle emulando Leopardi.

Ao longo desse decênio de guerras que o presidente Bush fez por onde inaugurar, práticas e atitudes de defesa e proteção foram modificadas ou amplificadas nos Estados Unidos. A estratégia de proteção e reação foi das que mais se alterou. Os dispositivos de forças especiais vieram ao encontro. A inovação em espionagem ganhou disperso avanço. Tudo pela nação; pelo patriótico. *Drones* causam muita polêmica, muita rejeição. Mas são destino sem volta. *Al Qaeda* foi enquadrada sem piedade. Mais menos dia, mais um e outro caem. “*A decade of war is ending*” [um decênio de guerras está terminando]. O sucesso da *Neptune Spear* [Lança de Netuno] – operação que assassinou Osama Bin Laden – ampliou o conforto da constatação, do diagnóstico e do desejo. Resta avançar em desvelar os mistérios que essa verificação só faz indicar.

“Tiempo nublado”

O sábado, 30 de abril de 2011, foi ordinário como os demais sábados 30 de todos abris. Tudo era pueril. Ingênuo. Frugal. Ordinário. Os olhos do mundo seguiam seguindo o casal do século. Catherine Elizabeth Middleton e William Arthur Philip Louis. O príncipe e a plebeia. Ao melhor estilo *british*. Impossível não lembrar lady Di. Seu sorriso; seu olhar; seu afeto; sua *démarche*. Embebidos e embriagados nessa lua-de-mel coletiva, a morte do Dostoiévski hispânico passou despercebida a todos. Nesse 30 de abril, em Santos Lugares, província de Buenos Aires, morre, perto dos cem anos, Ernesto Sabato. Cujo *El túnel* marcou

toda uma geração de amantes da imaginação, da criação, do romance. Cujas presidências – em solicitação do presidente Raul Alfonsín (1983-1989) – da comissão nacional sobre o desaparecimento de pessoas durante a ditadura argentina produziu *Nunca mas* e marcou toda a nação. “*Écrire est un déchirement, une obscure damnation*” [escrever é um martírio, uma obscura danação], dizia ele, Sábato, em impecável francês que aprendera nos tempos de estudante de Física em Paris (BIANCOTTI, 2011). Seu desaparecimento deixou um vazio imenso. Mas quase ninguém notou. Aquele silêncio sobre tudo indicava prenúncio de tempo feio, com ventos aziagos.

Khartum, capital do Sudão, dezembro de 1993. A Conferência Popular Árabe e Islâmica transcorre no Centro de Congressos da cidade. Lideranças xiitas, sunitas, árabes, não-árabes, do Al Fatah, Hamas, Hezbolah, da Frente Democrática para a Libertação da Palestina, da Frente Islâmica de Salvação da Argélia, o Partido Popular do Paquistão, o Partido Nahda da Tunísia, afegãos de todas as tendências e o representante de Mohamed Aideed da Somália estavam reunidos em busca de moderação. A brutalização das relações no Sudão vinha de deixar marcas terrunhas na região. O mundo ocidental seguia com apreensão toda a situação. Os Estados Unidos e o Reino Unido seguiam especialmente interessados. Robert Fisk, dos mais respeitáveis conhecedores do Oriente Médio, cobria a Conferência para o jornal *The Independent*. Nos dias finais do evento foi abordado por seu amigo, também jornalista, Jamal Kashoggi. Kashoggi lhe propôs conhecer um ilustre morador local: Osama Bin Laden (FISK, 2007, p. 29-31).

A saga de Bin Laden rumo Sudão tivera início no Afeganistão. Cercado por gigantes, o Afeganistão tinha de vizinhos os soviéticos, o Paquistão, o Irã e a China. O ano era 1979. O cimento nacional era o islã. 99% da população

era muçulmana dividida em sunitas, 80%, e xiitas, 20%. Desde tempos imemoriais as contendas regionais eram norma. Os afegãos, por isso, possuem indisfada tradição de resistência a investidas do exterior. Mongóis e russos foram os primeiros a intentar invadir. Depois o país virou tutela da Inglaterra pelo século 19. Essa submissão inglesa desapareceu apenas com o fim da primeira grande guerra mundial. Na sequência, aparente independência perdurou. Aparente, pois, em verdade, a vigilância e interesse dos, agora, homens do Kremilín, jamais se apagaram (BOULOUQUE, 1997).

Em dezembro de 1979, soviéticos liderados pela KGB, assaltaram Kaboul. A formulação da resposta foi imediata. A família real da Arábia Saudita, mancomunada com os Estados Unidos, reabilitou a figura do honroso guerreiro árabe do Golfo – ao estilo de Lawrence da Arábia, aquele que dá a vida em defesa da comunidade islamita. Essa legenda se materializaria na confecção de uma legião árabe composta de afegãos e liderada por príncipes sauditas. Príncipes sauditas declinaram da indicação. Bin Laden desgostou o gesto. Entendeu como covarde. Percebia imensa a humilhação aos irmãos afegãos. Sendo assim, às suas próprias expensas, foi lhes proteger. Empreendeu, então, uma *Jihad* pessoal contra os russos. Gente do Egito, Arábia Saudita, Yêmen, Kuwait, Argélia, Síria e Palestina foram convencidos a ajudar. Essa união antecipou o sucesso. Entretanto, após expulsar os soviéticos, sunitas e xiitas afegãos iniciaram guerra civil entre si. Desapontado, Osama regressa à sua Arábia. Anos depois, quando Saddam Hussein avança sobre o Kuwait, novamente Osama surge. Oferta seus préstimos à sua família real. Entretanto o rei saudita preferiu auxílio dos Estados Unidos. Isso levou Osama a migrar ao Sudão. No Sudão, fixou morada em Khartum. Em Khartum, vivia com suas quatro mulheres. Seu meio de vida era fornido de suas heranças e de sua atividade profissional por excelência, a

construção civil. Seu objetivo, promover a “pureza” islâmica.

Naqueles fins de 1993, concedeu sua primeira entrevista diretamente ao Ocidente. Queria, por certo, portar defesa às acusações vindas, sobretudo, dos Estados Unidos, que afirmavam que ele estava treinando terroristas no deserto do Sudão. O resultado não foi dos melhores. Dois meses após a entrevista, verdugos rondaram sua casa em sua procura em Khartum. Sua Arábia natal, menos de mês depois, cassou sua cidadania saudita e, em conluio com os Estados Unidos, determinou ao Sudão a sua extradição.

Ao invés de Osama, o Sudão entregou, às rápidas, o venezuelano Ilich Ramírez Sánchez, o Carlos, o Chacal. Ao invés de continuar no Sudão, Osama voltou ao Afeganistão (FISK, 2007, p. 29-41). Errou pelas montanhas do Afeganistão até buscar abrigo no Paquistão. No Paquistão, mediante rude operação, na condição de Geronimo, objeto vivo ou morto da *Neptune Spear*, conheceu, um dia depois de Ernesto Sabato, sua desapareição.

Adeus, Geronimo

“Aconteça o que acontecer, o tempo e as horas sempre chegam ao fim, mesmo do dia mais duro dentre todos os dias” dizia Shakespeare (2010, p. 27). Não foi diferente com Osama. Seu tempo e suas horas ganharam termo. Seu desaparecimento chegou e a notícia causou histeria. Após saber, milhares de pessoas inundaram as ruas de Nova Iorque e Washington nos Estados Unidos, Nairobi e Mombasa no Quênia, Dar Es-Salaam na Tanzânia, Aden no Yêmen, Bali na Indonésia, Riyad na Arábia Saudita, Casablanca no Marrocos, Bagdá no Iraque, Argel na Argélia, Madrid e Londres na Europa, para comemorar. “*Justice has been done*” [justiça fora feita] (REMARKS..., 2011). Já sem tempo. Foi, para muitos, o fim da impunidade, da frustração, do desolamento. Quatro helicópteros, 79 homens, 38 minutos somados a

mais dez anos de perseguição e intimidação, sofisticação e espera (CYPEL, 2011). Enfim, *Closure*, sintetizou o editorial do *Times* de 3 de maio de 2011. Famílias do mundo inteiro acometidas pela *Al Qaeda* tiveram um momento de regozijo. Adeus, Osama; adeus, terror (THE TIMES, 2011).

Nada reduz a magnitude desse adeus. Entretanto, ele vinha se fazendo.

O presidente Bush prometera, no imediatamente após o 9/11, fazer justiça. Levar ou trazer Osama a julgamento. O desconcerto no Afeganistão e no Iraque incluído ao desespero da crise financeira produziu desapontamentos sem fim. Ninguém esqueceu Osama. Mas ele foi sendo paulatinamente ofuscado pelas crises precipitadas pela crise das finanças.

A crise financeira consumiu muita atenção. Instituições *too big to fail* [muito grandes para fracassar] foram fracassando sem pudor. A notícia das tormentas de setembro de 2008 vai demorar esmaecer no imaginário ocidental. Carece desmesurada ventura para gerir o colapso financeiro que chegou perto de fraturar de morte o *American dream*. Osama deixou de ser estrita prioridade diante de milhões de americanos vendo seu passado e futuro sendo carcomido em instantes. Imensa degeneração passou a ser entendida. O cisma da especulação de finanças logo migrou à economia. Veio a recessão. Do mundo material passou ao social. O desemprego chegou a percentuais de assombro. O difícil retorno da economia desmoralizou autoridades e sua representação. A crise política, de muito anunciada, foi exacerbada. O apelo moral não demorou se firmar. Bilionários mundo afora prometeram ajudar. Ajudaram. Mas o dia mais duro de todos os dias segue sem terminar.

Na impressão de Niall Ferguson, vivemos “*the great degeneration*” [a grande degeneração]. Para além dos Estados Unidos, o Ocidente vai mal. Risca perder seu lugar ao sol.

Suas leis e instituições expressam imensa degradação. Seu sistema político majoritário, a democracia, progride imerso em indisfarçável hipocrisia. Sua estrutura econômica essencial, o sistema capitalista, dá sinais de insanidade. Sua paisagem jurídica, a argamassa do estado de direito, não vai composta que por, em sua maioria, cínicos, cretinos e medíocres. Sua composição social, a sociedade civil, merece mais e mais a classificação de incivil por se portar mais e mais de maneira inconsequente, indiferente e indelicada. Indefeso e insone, todo projeto de civilização ocidental contempla sua autodestruição. Amarga, em assombro e aturdimento, sua inimaginável degradação (FERGUSON, 2013).

Ferguson – como Fareed Zakaria d'O *mundo pós-americano* – provoca para induzir pensar, refletir e agir. O comezinho imobilismo e a oportuna inação só fazem acelerar a marcha fúnebre rumo à perdição (ZAKARIA, 2008).

Da parte de Martin Jacques, autor do exímio *When China rules the world*, inexistente retorno. Daqui em diante se vive a troca de guarda. Outrora Estados Unidos. Doravante Ásia, China. Seu argumento abrange diversas variantes econômicas. De início o crescimento econômico progressivo dos países em desenvolvimento, o 'resto'. Adiante o aumento do preço das commodities e a ampliação do poder de compra e barganha das *commodity-producing nations* no após-9/11. China, Singapura, Coreia do Sul, Qatar, Abu Dhabi, Kuwait foram, avança, os principais beneficiários. Por isso, com o *meltdown* de instituições financeiras européias e americanas, foram também os principais compradores de fundos. Isto passa a colocar a Ásia oriental e o Oriente médio, na proa do mundo, que a China, desde mundo à espreita, passa a liderar (JACQUES, 2012, p. 4-21).

A máxima de Shakespeare na boca de Macbeth – “[...] o tempo e as horas sempre chegam ao fim” (SHAKESPEARE, 2010, p. 23) – deve de ter muitíssimo inspirado, consciente ou inconscientemente, a Martin Jacques decretar o fim dos dias dos Estados Unidos no comando do mundo. Mas como diria o zombeteiro Mark Twain, o anúncio desse féretro talvez seja um pouco exagerado¹.

No dia 4 de março de 2007, o senador júnior de Illinois iniciou efetivamente sua corrida rumo a Casa Branca. Foi em Selma, Alabama, na *Brown Chapel*. Pesquisas de opinião reconheciam Hillary Clinton como favorita à indicação do partido democrata. Barack Hussein Obama era amplo desconhecido. Seu repúdio à invasão do Iraque lhe conferiu alguma visibilidade. Mas insuficiente; exangue. Queria-se saber quem era Barack. Quem era esse sujeito nascido no Havaí de mãe do Kansas e pai do Quênia. Quem era esse ser de ar cosmopolita criado na Indonésia e saído de Harvard. Um audacioso, um presunçoso – diria ele próprio. Mas mais, muito mais, se precisava saber. Ao meio-dia de 4 de março de 2007 começou o momento de verdade.

Brown Chapel, Selma e Alabama coadunam raízes simbólicas do trauma americano. Mansões antigas preservam ares dos tempos do presidente Lincoln. O massacre de 1865, a batalha de Selma, jamais se esqueceu. Como permanece na retina e na memória da nação os rastros profundos das leis Jim Crow. Foi no Alabama, em Montgomery, que Rosa Parks fora detida por ocupar lugar reservado a não-negros em transporte coletivo. Foi em Selma, na *Brown Chapel*, que Martin Luther King Jr. estabeleceu *locus* privilegiado da batalha por direitos civis e pelo direito universal aos afro-americanos participar do sufrágio universal.

Presidenciáveis americanos sabem da

1 A expressão célebre de Mark Twain é “the reports of my death have been greatly exaggerated”.

importância do apoio das comunidades negras do Alabama. Obama foi ao Alabama e convenceu essas comunidades que poderia ser a concretização do sonho de King e a afirmação do sonho americano. Vinte meses depois, o desconhecido senador júnior de Illinois venceu o medo e o receio alheios e virou presidente da república com a incumbência de recuperar a capacidade americana de sonhar (REMICK, 2010, p. 11-36).

Desde o plano de ataque e o ataque do presidente Bush ao ‘eixo do mal’ foram sendo criadas estratégias para inibir e impedir novos ataques. Os dois últimos capítulos do *9/11 Commission Report* – 12. *What to do* e 13. *How to do it?* – são o conjunto mais amplo e completo de sugestões nesse sentido. Enquanto a imprensa ia acentuando os dividendos negativos das *Bush's wars*, o governo seguia implantando medidas internas restritivas e estruturais. Ao chegar ao poder, no vendaval de Wall Street, o presidente Obama só fez aprofundar essas medidas (WOODWARD, 2004, 2010).

Dividendos do adeus

Após ‘fazer justiça’, chegara o momento de explicar (SILVA, 2014). Como, quando e de que maneira “*Justice has been done*” viram obsessão da curiosidade pública nos Estados Unidos e alhures. A declaração do presidente Obama – “*United States has conducted an operation that killed Osama bin Laden*” [Os Estados Unidos conduziram uma operação que aniquilou Osama Bin Laden] – foi ficando vazia antes mesmo de ser completada. Junto ao entusiasmo que banhava as ruas do mundo livre surgiam perplexidade e ceticismos. *How they did* e *did they?* povoavam opiniões.

No fim da manhã do dia 2 de maio de 2011, oficiais seniores apresentaram o *briefing* da operação. Desde então foi sendo tornado público que desde agosto, setembro de 2010, serviços de inteligência americanos e aliados

avançavam na suspeição de ter encontrado o esconderijo de Osama. O homem mais procurado do mundo estaria no Paquistão, em Abbottabad. A partir de meados de fevereiro de 2011, as investidas para comprovação foram intensificadas. A seguir, a operação de ataque começou a ser preparada. Entre março e abril, o presidente Obama se convence da constatação e permite a definição e concretização da ação. Seus encontros no *National Security Council* ficaram frequentes. Na manhã de 29 de abril, foi tomada a decisão. Teve início a *Neptune Spear* (PRESS BRIEFING..., 2011).

O diagnóstico e a decisão refletem avanço considerável na convicção americana da necessidade de resolver o imbróglio. No dia 6 de novembro de 2008, dois dias após a eleição, o presidente Obama convocou reunião com o almirante Mike McConnell para avaliar o desempenho do presidente Bush na estratégia de levar ou trazer Osama à justiça e impedir novos ataques (WOODWARD, 2010, p. 1-12).

Muito esforço ia empregado, mas a rejeição à América era imensa. A imposição da invasão do Iraque, com o absoluto desrespeito e desmoralização das instituições internacionais, virara sinônimo de prepotência e arrogância – chaga que o presidente Bush preserva como legado. O discurso do Cairo, de junho de 2009, foi manobra para inverter essa impressão e, de alguma maneira, ampliar fidelidades contra os inimigos do mundo livre (REMARKS..., 2009).

Fidelidades multilaterais antiterrorismo existem, precisamente, desde os anos 1960s. O após ataque nos jogos olímpicos de Munique em 1972 foi o primeiro momento de atuação desse arremedo de coalisão. O após explosão do avião da Pan American Airlines em Lockerbie, na Escócia, em 1988 e o após massacre de turistas em Luxor, no Egito, em 1997 foram outros momentos de interação. No entanto, o após *9/11* demonstrou a mais aguda fragmentação nesse sentido. O diagnóstico do presidente

Obama agrega a necessidade de composição (REPORT..., 2013, p. 1-8). Composição, sobretudo, para aprofundar seus principais instrumentos antiterrorismo: *special operations forces* [forças para operações especiais] e *unmanned aerial system (drones)*. Um e outro, por ter atuação majoritária no exterior, necessitam cooperação internacional.

Após a operação *Argo*, de resgate de americanos no Irã – cuja encenação de Ben Affleck com o mesmo título, *Argo*, levou o Oscar de melhor filme em 2013 –, o congresso dos Estados Unidos unificou várias unidades de operações especiais no *U.S. Special Operations Command* – USSOCOM. Uma secretaria exclusiva no Pentágono e outra no Ministério de Defesa foram criadas. Os mais qualificados oficiais das principais frentes das forças armadas americanas foram mobilizados a compor *special operations forces*. Para 2013 foram mobilizados 63 mil e 650 para essas operações.

Contingentes – 2012-3	
U.S Special Operations Command Headquarters	2.606
U.S Army Special Operations Command	28.500
Air force Special Operations Command	18.000
Naval Special Warfare Command	9.000
U.S Marine Corps Forces Special Operations Command	2.600
Joint Special Operations Command HQ	1.519
Theater Special Operations Command HQs	1.425
Total	63.650

Fonte: Robinson (2013, p. 9).

Após o 9/11 os contingentes e as operações foram amplamente multiplicados. Seu

orçamento de 2,3 bilhões de dólares em 2001 passou a 10,4 para o ano fiscal de 2013. Suas principais atividades compõem operações de dissuasão de insurgentes, mobilização antiterrorismo, inibição de proliferação de armas de destruição, segurança e defesa de civis em países ocupados, operações de conhecimento e reconhecimento, sistema de informações. Inglaterra, Austrália, Canadá, Colômbia, Jordão, Arábia Saudita e países do leste europeu foram progressivamente tornados aliados nessas investidas (ROBINSON, 2013).

Unmanned aerial system também ganhou em relevância no após 9/11. Além de sua quantidade, a localização e a frequência de sua utilização também aumentaram. Passou de 15 mil unidades em 2001 a 75 mil em 2012. São diversas suas vantagens. Predator e Reaper, por exemplo, os principais do arsenal americano, podem permanecer no ar por cerca de 14 horas, carregados em munição e prontos a atacar. Versões anteriores, F-16 e A-10, não suportavam que quatro horas. Mais que o tempo no ar, a não exposição de soldados parece o maior trunfo; muito embora, seja imprescindível o acompanhamento por suportes de inteligência em solo.

Drones foram responsáveis por 95% das mortes em batalhas não convencionais do após 9/11. Sendo a maior parte das operações autorizadas pelo presidente Obama. Ao passo que o presidente Bush liberou 50 operações de ataque com *drones* de 2001 a 2008, o presidente Obama autorizou 350 de 2009 em diante (ZENKO, 2013, p. 3-8).

Foram *drones*, imiscuídos a complexas estratégias de inteligência de americanos e aliados incluindo sistemas de tortura, que permitiu localizar Osama no Paquistão. Foram operações especiais que o levaram à morte; ou como se quer, à justiça.

Após Geronimo

No discurso de 23 de maio de 2013, o presidente Obama colocou em revista o conjunto de atitudes que conduziu Osama ou Geronimo à justiça. O problema essencial, que antecede e ultrapassa o 9/11, segue sendo a conciliação entre “*our interests in security and our values of privacy*” [nossos interesses em segurança e nosso respeito às privacidades] (REMARKS..., 2013). A proteção tem seu preço. O mais custoso, em aparência e debate, segue a ambiguidade da expansão da necessidade de vigilância. Isto não necessariamente corrói o *American dream*. Mas aflige e agride – para dizer o mínimo – aqueles que não sonham o mesmo sonho.

O principal das sugestões ao governo americano para administrar o após 9/11 segue a tópica da *global strategy* [estratégia global]. Essa tópica vem se transformando em imperativo. *The 9/11 Commission Report* de 2004 apresenta o arrazoado dos mais completos nesse sentido (THE 9/11 COMMISSION REPORT, 2004). Sem cooperação, inexistente salvação. Essa pode ser uma tradução, rápida e, em certa medida, justa, da mensagem do relatório. Mas essa proposição – para não regressar ao *Leviatã* de Hobbes –, por certo animou toda a política de contenção inspirada em George Kennan (2012). Faz pouco sentido redizê-la. Mas ela foi ou esquecida ou supervalorizada após o desaparecimento da URSS. O entusiasmo do possível triunfo da democracia liberal invadiu os poros da nação americana. Os Estados Unidos, ao menos em diagnóstico, por algum momento, preferiram a retração. “*With the collapse of the Berlin Wall, a new dawn of democracy took hold abroad, and a decade of peace and prosperity arrived here at home*” [com o colapso do muro de Berlim, a democracia passou a viver um novo amanhecer e um decênio de paz e prosperidade voltou às casas] dizia o presidente Obama no discurso à *National Defense University*.

Conquanto discutível, o diagnóstico do

presidente agrega algo de precisão sem retoque. “[...] *peace and prosperity arrived here at home*” (REMARKS..., 2013). Sim; ao centro do poder americano, de certa forma, paz e prosperidade eram reais. No entanto, do lado de fora, o mundo seguia sua sina de tensões e contradições. Ao enalço desse mundo, diria Madeleine Albright, secretária de estado do presidente Clinton, “*We are the indispensable nation*” [somos uma nação indispensável]. Do outro lado do Atlântico, Hubert Vedrine, ministro do exterior do presidente Chirac, afirmava ser os Estados Unidos uma ‘*hyperpuissance*’ [superpotência]. O 9/11 demonstrou que mesmo indispensáveis, mesmo que hiperpoderosos, podem estar vulneráveis. E no âmbito de sua vulnerabilidade, a reabilitação da cooperação ativa, ao velho e bom estilo da contenção de Kennan, para o bem e para o mal, virou imperativo.

No imediatamente após o 9/11, tropas, recursos e interesses singraram sentido Ásia Central. Casaquistão, Usbequistão, Tajiquistão viraram bases de acesso ao Afeganistão. O investimento americano na região mais que dobrou. Passou de 268 milhões de dólares em 2001 para 585 milhões em 2002, regressando a 426 milhões em 2010 (NICHOL, 2012, p. 62). Isso promoveu, por certo, reações na Rússia, na China, na Turquia que necessitaram repensar sua relação com os Estados Unidos e vice-versa. *Drones e special operations forces* foram amplamente alocados nos territórios aliados. Para além da disponibilidade territorial, a reabilitação da contenção sugere também a discussão do virtual.

A convicção do triunfo levou os Estados Unidos a acreditar no triunfo em todos os planos. Na expansão da democracia liberal sem limites. Fim da história, fim das fronteiras; prenúncio de ilusão.

Desde o início, os americanos estiveram na proa do *cyberspace*. Sua liderança foi, por muito tempo, incontestável. Esse cenário produziu certo desdém pelo “resto”. O 9/11 fez cair o véu

da ingenuidade. No bojo de ataques concretos, os *cyberattacks* foram se multiplicando. Nesse contexto, os americanos, enfim, perceberam. Enquanto sonhavam triunfais, América Latina e África desenvolviam suas próprias bases e canais virtuais. Depois do 9/11 a tendência só se acelerou (NEGROPONTE; PALMISANO, 2013). Como controlar essa potente ameaça sem cooperação, sem normas, sem *global strategy*?

A resposta parece muito mais específica que afirmativa ou negativa. No conjunto dos possíveis sentidos, o presidente Obama prefere afirmar que “*with a decade of experience now to draw from, this is the moment to ask ourselves hard questions – about the nature of today’s threats and how we should confront them*” [após um decênio de experiências chegou o momento de nos fazermos as questões verdadeiras sobre a natureza de nossas atuais ameaças e como poderemos confrontá-las]. Operações como a que executou Osama “*cannot be the norm*” [não pode ser a regra]. Os riscos são imensos. Mesmo sendo imenso o profissionalismo e a competência dos componentes das *special forces*, uma operação como a *Neptune Spear* envolve, também, reconhece o presidente, alguma sorte (REMARKS..., 2013).

Dançando na chuva

O exame de consciência, agregando todos esses sentimentos, virou norma após Geronimo. Esse importante discurso diante da *National Defense University* em maio de 2013 não pode ser entendido que como expressão disto. No entanto, ele acaba evadindo a discussão do mero balanço do decênio de guerras ao impor certo tom quase filosófico ao debate: a sustentabilidade da postura americana no mundo.

Remonta ao nascedouro da civilização ocidental a reflexão sobre mecanismos de manutenção do poder. Ao menos desde Homero e suas *Odisséia* e *Iliada* a arte imita a vida e o destino do poder, dos poderosos e de seus

mundos. Ao menos desde Tito Lívio, Heródoto, Tucídides, Tácito a ‘verdade’ desses destinos vem sendo obsessão enquanto registro, retrospecto e prospecção. A *Comédia* de Dante agudiza tudo isso. Os *Discursos* de Maquiavel vão muito além. Vai ficando incomensurável a quantidade de obras e autores que passa a refletir sobre o assunto depois do assalto a Constantinopla. A cristalização desse debate e discussão receberia adensamento incontornável – tirando de conta toda a intensa discussão filosófica coeva – com os três volumes do monumental *The history of the decline and fall of the Roman Empire* de Edward Gibbon. O método, a técnica e o modelo ficam e vão sublimemente reabilitados em *The great powers* de Leopold von Ranke. O acesso ao século 20 ganha a contundência do avanço da abrangência da discussão com Arnold Toynbee (1934-1961) e Oswald Spengler (1991). *Um estudo da história* e *O declínio do Ocidente*. A despedida do século 20, inspirada nessa tradição que também remonta ao *Gênesis* e ao dilúvio, recebe a condensação mais precisa e atualizada com *The rise and fall of the great powers* de Paul Kennedy (1987).

Surgida no crepúsculo da obsessão da contenção, o estudo de Kennedy propõe e demonstra a eficácia da interação entre economia e estratégia na manutenção do poder. Ou seja, quanto mais poder, mais necessidade de proteção. Quanto mais necessidade de proteção, mais necessidade de riqueza material. Quanto mais riqueza material, mais necessidade de força militar. A melhor administração dessa equação resulta, no propósito de Kennedy, na maior longevidade da grande potência.

Do milagre da Europa à 1945, o modelo vai funcionando sem restrição. Depois da inovação advinda da arma nuclear, a potência hegemônica do momento, os Estados Unidos, segue hegemônica, mas em ‘declínio relativo’. A reconfiguração do mundo durante os trinta anos gloriosos permite a afirmação de Japão e China, contraídos em isolamentos voluntários até meados do século 19, e dos países europeus

massacrados em guerras desde 1914. Esses atores, em suas singularidades, seguem a mesma regra e recompõe seus mundos e o mundo. Pelos anos do presidente Reagan, o debate interno verdadeiro propunha saber se os Estados Unidos teriam como seguir mantendo todos os seus engajamentos no exterior (KENNEDY, 1987). Se era procedente. Se tinha sentido.

O após 9/11, sobretudo, o após *Lehman Brothers* recolocou a questão de modo incisivo. Os *What to do* e *How to do it?* do 9/11 *Commision Report* são claramente alimentados por essa discussão. A *global strategy*, entendida como imperativo de cooperação, vai se traduzindo em descentralização de responsabilidades. O como fazer segue mais que enigma, mistério.

Enquanto a *National Commission* ia terminando seu relatório em 2004, os Estados Unidos possuíam 752 instalações militares em 130 países. A maior parte delas, instaladas e mantidas desde 1945. Senão para derrotar, para conter os inimigos. Sob a presidência de Bush Jr., 70 mil homens de farda, bandeira e jaleco americanos estavam estacionados na Alemanha. 40 mil no Japão. 36 mil e quinhentos, na Coreia do Sul. Entre 2001 e 2004, tropas com 100 mil foram estacionadas uma no Iraque e outra no Afeganistão. Espalhados pelas terras do mundo eram 9 mil tanques *Mi Abrams*. Dispersos pelo mar, nove grupos de batalha de imensos porta-aviões. Pelo ar, fora os *drones*, ao menos três modelos de aviões furtivos indetectáveis. Para adocicar um pouco o impacto, por 120 países iam espalhados 30 mil restaurantes McDonald's como mostra de poder '*soft*' dos americanos. Desnecessário redizer da exclusividade e excepcionalidade de tudo isso. Ainda em 2004, o orçamento americano em defesa por volta de 460 bilhões de dólares era próximo 50% do gasto militar de 189 países (FERGUSON, 2011, p. 50-53).

A guerra ao terror do presidente Bush provocou a explicitação de todos esses dados, números e comparações no bojo da opinião pública americana. Gente do comum passou a

discorrer naturalmente sobre esses assuntos. O tema concerne a todos. Mas, após Geronimo, compete ao presidente Obama reconhecer se procede ou não continuar nesse diapasão.

De modo concreto, o PIB americano de 2001 a 2013, em trilhões de dólares, foi, respectivamente, de 11.229, 11.390, 11.634, 12.056, 12.429, 12.772, 13.020, 13.159, 12.654, 12.874, 13.420, 13.417 e 13.969. No mesmo cortejo, o orçamento americano em defesa, firmado em bilhões de dólares, foi de 316.2, 345.1, 437.5, 467.6, 478.9, 534.5, 600.9, 665.9, 666.3, 691.0, 687.0, 645.0 e 614.8. Numa correlação rápida, para o período, o gasto com defesa em proporção do PIB representou 3.0% em 2001, 3.3% em 2002, 3.7% em 2003, 3.9% em 2004, 4.0% em 2005, 4.0% em 2006, 4.0% em 2007, 4.3% em 2008, 4.7% em 2009, 4.8% em 2010, 4.7% em 2011, 4.4% em 2012 e 4.1% em 2013 (GREEN BOOK, 2013, p. 264-265, 281).

Sob qualquer aspecto, numa primeira apreciação, o montante dispensado com defesa compromete parte diminuta do PIB americano. Mas os números, sábio saber, enganam. E o manto púrpuro desse sortilégio está na discussão sobre a dívida pública. Mas aí, efetivamente, seria outra discussão e outra história (FERGUSON, 2007, p. 137-171). Mas indo direto ao ponto: os Estados Unidos não irão declinar por conta de seu engajamento militar. Por esse aspecto, do contrário. O que vem se afirmado como enigma parece ser a validade desse engajamento. A *decade of war* e o após Geronimo lançaram as claras essa discussão. Dito de outra maneira, a reação americana ao 9/11 galvanizou a perda efetiva da credibilidade americana global. O argumento mais sofisticado sobre essa situação vem em *The risks of ignoring strategic insolvency* de Michal J. Mazarr (2012).

O anseio em manter e alimentar pretensões de responsabilidades globais sem necessariamente desenvolver estratégia global de

convencimento, argumenta Mazarr, conduziu ao colapso progressivo do Império Britânico. A mesma situação pode estar passando ou se anunciando com o poder americano. No após 1945, no após 1989, no após 2001 os Estados Unidos foram se afirmando como destino manifesto para si e para os outros. Alternativas de poder – que de resto, desde muito dão sinais de existência – ocuparam assentos que as investidas contra o ‘eixo do mal’ abriram. Turquia, Brasil, Índia, China, Rússia, os países que participam das estações árabes começadas como primavera, vão criando polaridades, em forma e conteúdo, que, sejam em discurso sejam em atitudes, negam a abrangência e a potência dos Estados Unidos. Os 30 mil restaurantes McDonald’s levam comestíveis tipo americano, mas não necessariamente a influência americana com eles aumenta. O ressentimento aos Estados Unidos apenas cresce. Essa rejeição somada ao aumento progressivo da capacidade tecnológica, em especial, e econômica, política, militar e diplomática dos outros indica a iminência do quase *post-American world* como sugeria Fareed Zakaria.

“Aconteça o que acontecer, o tempo e as horas sempre chegam ao fim, mesmo do dia mais duro dentre todos os dias”, cantou Shakespeare (2010, p. 27) e por muita vez serviu de presságio. Os dias dos Estados Unidos estariam chegando ao fim? Não se discute – e deseja – outra coisa desde a mais remota existência dos Estados Unidos. A diferença de agora é que além de Inês, Geronimo também não existe mais. Sobra, então, aos Estados Unidos, algum tempo para melhor definir a melhor estratégia para não sucumbir jamais.

Referências

- BARACK OBAMA’S victory speech – full text. The Guardian, Londres, p. 11, 7 Nov. 2012.
- BIANCIOTTI, Hector. Ernesto Sabato. Le Monde, Paris, p. 16, 04 abr. 2011.
- BOULOUQUE, Sylvain. Le communisme en Afghanistan. In: COURTOIS, Stéphane (Org.). Le livre noir du communisme. Crimes, terreur, répression. Paris: Robert Laffont, 1997.
- CYPEL, Sylvain. Les Etats-Unis celebrant la fin de Ben Laden. Le monde, Paris, p. 10, 3 maio 2011.
- FERGUSON, Niall. A lógica do dinheiro. Riqueza e poder no mundo moderno – 1700-2000. Tradução de Maria Teresa Machado. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. Colosso: ascensão e queda do império americano. Tradução de Marcelo Musa Cavallari. São Paulo: Planeta, 2011.
- _____. A grande degeneração: a decadência do mundo ocidental. Tradução de Janaína Marcoantonio. São Paulo: Planeta, 2013.
- FISK, Robert. A grande guerra pela civilização. A conquista do Oriente Médio. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2007.
- GREEN BOOK. National defense budget estimates for FY 2014. Washington, DC: Office of the Under Secretary of Defense, 2013.
- JACQUES, Martin. When China rules the world. The end of the Western World and the birth of a new global order. 2. ed. London: Penguin books, 2012.
- KENNAN, George Frost. American diplomacy: sixtieth-anniversary expanded edition. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- KENNEDY, Paul. The rise and fall of the great powers: economic change and military conflict from 1500 to 2000. New York: Random House, 1987.
- MAZARR, Michel J. The risks of ignoring strategic insolvency. The Washington Quarterly, Washington, v. 35, n. 4, p. 7-22, 2012.
- NEGROPONTE, John Dimitri; PALMISANO, Samuel J. Defending an open, global, secure, and resilient internet. New York: Council on Foreign Relations, 2013. (Council Special Report, n. 70).
- NICHOL, Jim. Central Asia: regional developments and implications for U.S. Interests. Washington, DC: Congressional Research Service, 2012. p. 62. Tabela 3.
- PRESS BRIEFING by Senior Administration Officials on the killing of Osama bin Laden. Washington, 2 May 2011. (The White House – Office of the press secretary).
- REMARKS by president On a New Beginning. Cairo, 4 jun. 2009. (The White House – Office of the press secretary).

REMARKS by the President on Osama Bin Laden. Washington, 02 may 2011. (The White House – Office of the press secretary).

REMARKS by the President at the National Defense University. Washington, 23 may 2013. (The White House – Office of the press secretary).

REMICK, David. A ponte: vida e ascensão de Barack Obama. Tradução de Celso Nogueira e Isa Mara Londo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REPORT card backgrounder Terrorism. New York: Council on foreign relations, 2013.

ROBINSON, Linda. The future of U.S. Special Operations Forces. New York: Council on Foreign Relations, 2013. (Council Special Report, n. 66).

SHAKESPEARE, William. Macbeth. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: LP&M, 2010.

SILVA, Daniel Afonso. Após Geronimo. *Política Externa (USP)*, São Paulo, v. 22, p. 109-122, 2014.

_____. De Bengazhi, uma flor. *Política Externa (USP)*, São Paulo, v. 23, p. 100-120, 2015a.

_____. E o decênio de guerras continua. *GGN – O jornal de todos os Brasis*, 16 nov. 2015b. Disponível em: <<http://jornalgggn.com.br/noticia/e-o-decenio-de-guerras-continua-por-daniel-afonso-da-silva>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

SPENGLER, Oswald. The decline of the west. Tradução de Charles F. Atkinson. New York: Oxford University Press, 1991.

THE 9/11 COMMISSION REPORT. National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States. Public law 107-306, November 27, 2002. Washington, DC, 2004.

THE TIMES, New York, p. 5, 3 may 2011.

TOYNBEE, Arnold Joseph. A study of history. Oxford: Oxford University Press, 1934-1961. 12 v.

WOODWARD, Bob. Plano de ataque. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2004.

_____. Obama's wars. New York: Simon & Schuster, 2010.

ZAKARIA, Fareed. O mundo pós-americano. Tradução de Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZENKO, Micah. Reforming U.S. drone strike policies. New York: Council on foreign relations, 2013. (Council Special Report, n. 65).